



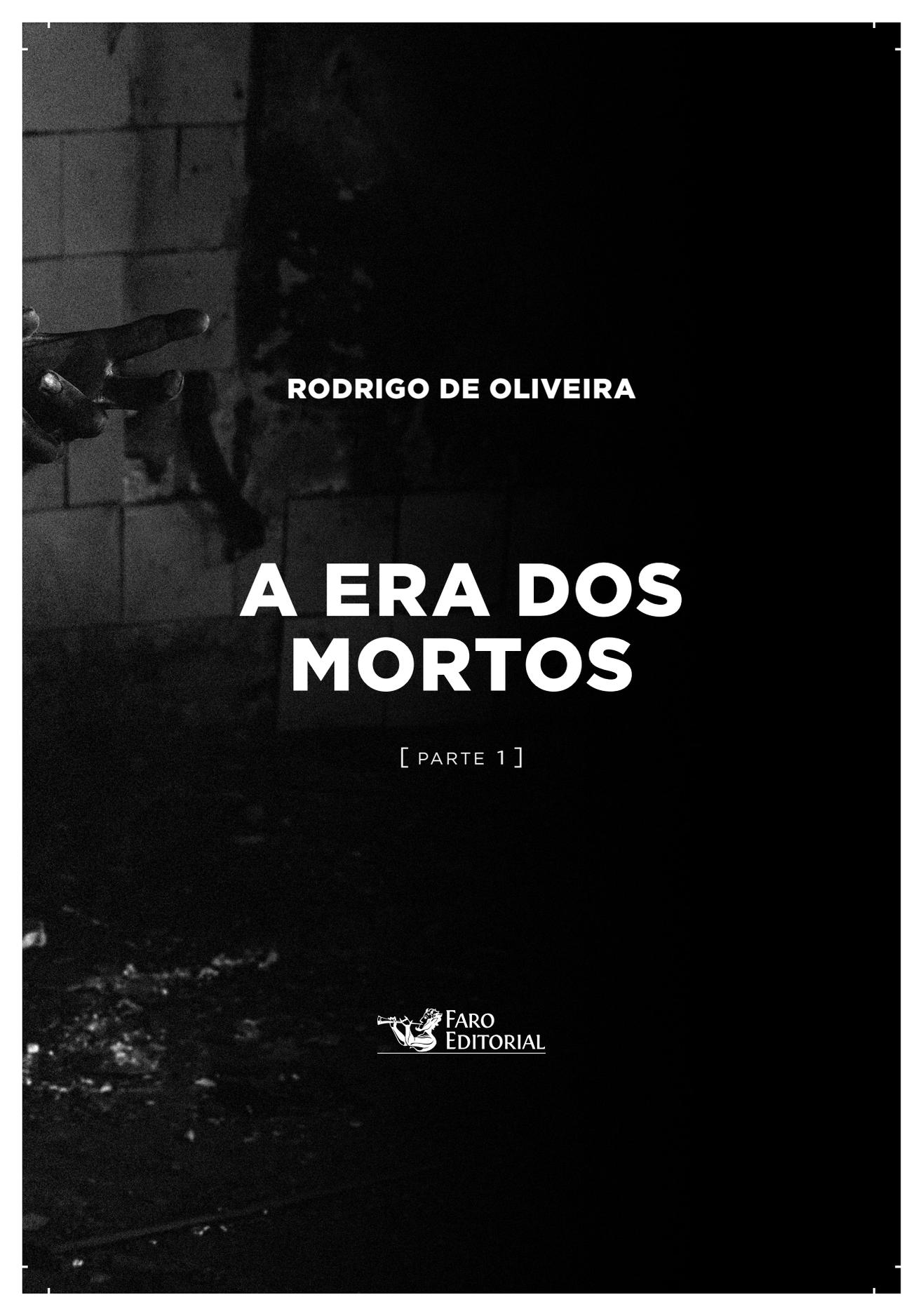
RODRIGO DE OLIVEIRA

A ERA DOS MORTOS

[PARTE 1]



 FARO
EDITORIAL



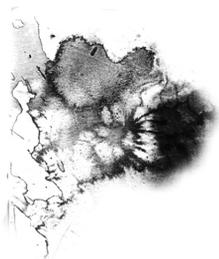
RODRIGO DE OLIVEIRA

A ERA DOS MORTOS

[PARTE 1]

 **FARO
EDITORIAL**

INTRODUÇÃO



O MORRO DA BOA VISTA, com quase dois mil metros de altitude, era o ponto mais alto da região que um dia fora o estado de Santa Catarina. Considerado o mais frio do Brasil, aquele território vinha sendo habitado por um pequeno grupo de sobreviventes que tentava, bravamente, resistir aos avanços das hordas de zumbis que assolavam todos os antigos grandes centros urbanos — agora parecendo cidades fantasma, com seus prédios, casas, pontos comerciais, antigas fábricas e bairros inteiros transformados em ruínas decrépitas após décadas de total abandono.

Naquele momento, pela estradinha que cortava o morro, uma menina de dez anos corria desenfreadamente, impondo às pequenas pernas um enorme esforço para alcançar a maior velocidade possível. Ela acelerava cada vez mais, tentando não só escapar de seus perseguidores, mas também atraí-los, para que aqueles demônios se afastassem o máximo possível da comunidade. Essa era sua única esperança de salvar seus entes queridos, e era por eles que Sarah, ainda tão criança, dispunha-se a ser a isca.

Sarah era uma menina de traços belos e fortes, pele morena clara, grandes olhos pretos e uma vasta cabeleira lisa e negra, que descia pelas suas costas, chegando quase até a cintura. Era seu costume usar o cabelo preso em um rabo de cavalo, mas naquele momento ele esvoaçava incontrollável ao vento, pois não havia tempo para prendê-lo.

Ela contornava uma longa curva da estrada de asfalto corroído pelas intempéries, cercada por mata selvagem de ambos os lados, quando arriscou uma breve olhada para trás. E não gostou do que viu: uma imensa massa de seres a seguia, totalmente irracional, trôpega, furiosa, apenas algumas dezenas de metros atrás.

Tratava-se de uma minúscula fração da praga que assolava a Terra havia tempos. Um bando de seres deformados, grotescos, bizarros e selvagens. Criaturas sem sentimentos ou raciocínio, desprovidas de qualquer outro objetivo na vida que não fosse matar e devorar seres vivos — sobretudo os humanos.

Sarah fugia de uma horda de zumbis.

Aqueles indivíduos, que tinham sido humanos um dia, estavam agora reduzidos a uma horrenda forma humanoide. Seus olhos eram totalmente brancos e sem vida; sua pele, escurecida e ressecada; e seus corpos, esqueléticos, mirrados. Mesmo os adultos não pesavam muito mais que uma criança.

Se seus corpos pareciam frágeis, no entanto, suas expressões não deixavam dúvida quanto à sua verdadeira natureza. Tratavam-se de feras selvagens, irracionais e perigosíssimas.

Sarah seguia avante, controlando a respiração, sentindo o suor brotar da testa. Ela não podia, no entanto, olhar só para a frente, era preciso também se manter sempre atenta à multidão em seu encalço. Primeiro para ter certeza de que os seres não estavam debandando ao perdê-la de vista. Se isso acontecesse, eles poderiam acabar desistindo da empreitada de alcançá-la e pegar o caminho que levava a comunidade.

O outro motivo era que a garota sabia que no meio daquele grupo havia criaturas que, se decidissem disparar em alta velocidade, em questão de segundos a alcançariam. E se isso acontecesse, seria impossível escapar.

Justamente quando se virou mais uma vez para conferir a distância entre ela e a horda, a menina ouviu o rugido de uma fera homicida, cruel e voraz, abrindo caminho por entre a multidão de zumbis.

Sarah respirou fundo. Conhecia aquele som e sabia o que se aproximava. Tratava-se de um dos seres mais temidos daquele novo mundo repleto de perigos. Ela sentiu um arrepio de medo subir por sua espinha encharcada de suor e o coração acelerar, mas não se desesperou. Aquela garota já nascera numa terra de horrores e, além disso, possuía o sangue-frio e a coragem incomuns para alguém tão novo. Tratava-se de uma criança que possuía a alma de uma matadora.

Outro som similar se ergueu dentre a multidão de criaturas alucinadas. Apesar da semelhança, ela logo percebeu que eram ao menos dois seres de mesma natureza. Duas monstruosidades que os sobreviventes se acostumaram a chamar de berserkers.

Os berserkers eram zumbis que haviam sofrido uma terrível mutação. Aqueles seres tinham olhos vermelhos cor de sangue, em contraste com os dos demais mortos-vivos. Também possuíam força descomunal e velocidade impressionante, o que praticamente inviabilizava uma fuga, sobretudo a pé.

Sarah sabia disso tudo. Por esse motivo, ao ouvir cada vez mais próximos os urros dos desgraçados, ela parou no meio da estrada.

O olhar da menina era frio, selvagem. Ela sentia medo, é claro. Mas mantinha esse sentimento sob controle, coberto com camadas e mais camadas de agressividade.

Sarah levou a mão ao ombro, onde se achava pendurado um rifle com mira telescópica, apanhou a arma, empunhou-a e a levou à altura do olho direito, focalizando através da lente a multidão de seres que avançava em sua direção, a pouco mais de cinquenta metros.

Ao ver sua presa parada e cada vez mais próxima, a horda acelerou. Sarah experimentou um aumento de excitação, mas engoliu em seco e permaneceu firme. Ela sabia o que tinha de fazer; precisava continuar calma.

Durante alguns segundos que pareceram intermináveis, Sarah se manteve estática, no meio da estrada, de arma em punho e encarando um bando com quase duzentos zumbis se agigantando diante de si. Ela travou a mandíbula e aguardou. Uma pessoa comum teria se apavorado e saído correndo, ou mesmo estourado os próprios miolos.

E então, do meio da turba, emergiram dois berserkers, correndo em meio aos demais zumbis, empurrando longe diversos mortos-vivos. Uma das criaturas tinha talvez um metro e sessenta de altura. A segunda era quase um palmo menor. E ambas encaravam Sarah com olhares famintos.

As monstruosidades avançaram, cada uma por um lado da estrada, em direção à menina solitária, deixando para trás o resto daquele bando de demônios.

Sarah abriu a boca para compensar a pressão do coice da arma, prendeu a respiração e, quando o ser da direita deu um salto à frente, ela apertou o gatilho com determinação.

A arma cuspiu um projétil que rasgou o ar e atingiu em cheio o crânio do zumbi, que caiu imediatamente com a cabeça esmigalhada. Uma trilha de sangue tingiu o asfalto de vermelho próximo à criatura.

Sarah não comemorou; nem sequer sorriu. Engatilhou o rifle novamente, virou a arma para o outro lado da estrada e mirou. Espantou-se ao se dar conta de que o segundo berserker se achava a menos de vinte metros de distância. Mas isso pouco importava.

A garota apertou o gatilho mais uma vez, e um novo estampido alto e seco reverberou pela serra, enquanto uma cápsula vazia voava de dentro do rifle e caía preguiçosamente no asfalto. Um segundo depois, o berserker caiu de costas contra o chão, fulminado com um rombo na testa.

Dois tiros, duas criaturas abatidas. Sua pontaria era perfeita, quase mágica.

A menina se virou imediatamente e voltou a correr. Aquela pausa fora necessária, mas também minara parte considerável de sua vantagem com relação aos demais seres. Pouco mais de trinta metros a separavam da horda.

Sarah continuou correndo, acelerando o máximo possível. Apesar de tão novinha, entretanto, o cansaço pesava. Não sabia dizer o quanto mais aguentaria — era preciso chegar logo ao ponto em que desejava emboscar as criaturas.

Ao redor ela ouvia os sons dos pássaros e macacos. Sons fantasmagóricos que pareciam anunciar o quanto aquela situação era macabra.

A menina começou a sentir o fôlego acabar, não ia aguentar muito mais. Mesmo com o impulso extra que ganhou graças à imensa descarga de adrenalina, Sarah sentia que se tropeçasse não teria forças para se reerguer.

Ela atravessou em disparada um trecho em linha reta da estrada e contornou mais uma curva. Seu tronco arfava, a garganta doía de tanto cansaço e o coração batia em disparada. Quantos quilômetros teria percorrido? Quatro? Cinco? Não saberia dizer. Mas definitivamente atingira seu limite.

Foi quando avistou a chave para a sua sobrevivência.

Naquele pedaço da estrada não circulavam veículos, pois a antiga ponte que existira ali desabara havia muitos anos. Devido à total falta de recursos materiais para reconstruir a estrutura destruída, os moradores da comunidade improvisaram uma ponte, que só podia ser usada em travessias a pé.

Sarah precisava recuperar o fôlego. Arriscou ficar um instante parada, curvada e com as mãos sobre os joelhos. Mal conseguia respirar, mas agora estava quase lá. A velha ponte de cordas era a sua esperança não só de escapar, mas também de manter a comunidade em segurança.

Foi quando mais à frente, próximo da velha ponte, um grupo de cerca de vinte criaturas começou a surgir da mata, impedindo o caminho da menina. Sarah piscou ao deparar com aquela cena: adiante, um grupo de seres recém-surgidos; logo atrás, centenas de mortos-vivos.

Ela se arrepiou inteira ao se ver cercada.

Sarah olhou para o rifle que carregava — sabia não dispor de mais do que meia dúzia de projéteis, o que era insuficiente para abrir passagem através daquele bando de desgraçados.

O primeiro zumbi recém-chegado, ao avistar a garota, arreganhou os dentes podres e avançou em sua direção, alucinado de fome.

* * *

Próximo dali, um par de olhos verdes acompanhava aquela fuga dramática. Eram os olhos de um menino, com cerca de dez anos, cabelo claro e desgrenhado.

Fernando era um garoto magro, porém muito forte para sua idade. Mas, acima de tudo, carregava no coração um ímpeto para lutar que poucos homens adultos conheciam. Uma disposição incrível para a guerra muito mais antiga que aqueles seres que perseguiram Sarah.

O menino assistia àquela corrida desenfreada de longe, por falta de alternativa. Não havia jeito de alcançar Sarah pela estrada, pois não teria como passar pelo bando. Por isso ele vinha correndo por uma trilha paralela no meio da mata, cerca de vinte metros acima da via. De onde o garoto estava era possível enxergar a menina e seus perseguidores. Até aquele momento estava tudo bem, mas a aparição daquele grupo à frente dela complicava tudo.

O garoto parou, tirou um potente fuzil do ombro, destravou a arma e mirou bem na cabeça da primeira criatura que avançava contra a pequena.

* * *

Sarah encarou o primeiro zumbi que se precipitava em sua direção com os olhos cintilando de selvageria. Aquela criança jamais era paralisada pelo medo, seu ímpeto nunca era desistir ou se entregar. Ela lutava sempre, não importavam quais fossem as circunstâncias ou probabilidades. Era uma mulher adulta num corpo infantil.

Ela ergueu o rifle e mirou na cabeça do ser. Nunca se renderia, continuaria matando os zumbis até o momento em que eles a aniquilassem, de uma forma ou de outra.

Para sua surpresa, porém, quando estava prestes a apertar o gatilho, a cabeça do ser explodiu diante dela, espalhando miolos podres pela estrada. A criatura desabou, inerte.

Sarah franziu a testa, ainda ofegante, quando viu uma segunda criatura também ter a cabeça despedaçada. Logo em seguida um terceiro demônio rodopiou e caiu, enquanto um jato de sangue voava de sua garganta, que fora dilacerada por um tiro. Os estampidos dos disparos vinham de muito perto dali.

A garota, percebendo que alguém lhe dava cobertura, não hesitou. Correu na direção do grupo de seres que ia se reduzindo pouco a pouco, pois naqueles instantes a horda maior se aproximara perigosamente, quase alcançando-a.

Quando chegou perto, desferiu mais alguns tiros certos, derrubando mais dois zumbis. Ao mesmo tempo, outras duas criaturas eram fulminadas a distância pelo atirador misterioso — embora até aquele momento Sarah não tivesse conseguido vê-lo, era grata por sua intervenção.

A menina avançou correndo na direção do bando agora muito menor e se desviou dos zumbis, confundindo as criaturas lentas e desengonçadas.

Sarah correu usando suas últimas reservas de energia. Acima da sua cabeça continuava ouvindo disparos de fuzil e, quando olhou para trás, avistou mais um ser tombando, com o crânio esmigalhado e massa encefálica jorrando por um buraco no meio da cabeça.

Ela passou pela ponte de cordas estropiadas e madeira podre. Lá embaixo, podia enxergar um rio caudaloso que corria por entre várias pedras e rochas. Seria uma queda de pelo menos trinta metros, caso uma daquelas tábuas se quebrasse enquanto seguia apressadamente.

Finalmente atravessou a ponte, com as criaturas tentando avançar por aquela passagem precária. A horda se espremia pela entrada e diversos seres acabaram despencando no penhasco e se esfaqueando contra as rochas.

A garota observou aqueles seres irracionais e disformes avançando pela ponte em sua direção. Suas roupas estavam encharcadas de suor, e os cabelos, grudados na nuca e no pescoço. E, apesar do cansaço imenso, que chegava a causar dor física, ela conseguiu sorrir, pensando no que estava prestes a fazer.

Sarah sacou uma faca da cintura e se aproximou de uma das cordas que sustentavam a ponte precária.

— Boa viagem, filhos da puta! — resmungou, ofegante.

Em seguida, começou a cortar a corda, diante dos olhares vorazes de seus perseguidores. Com o peso de dezenas de seres, a tensão era muito grande, o que fazia com que o trabalho avançasse rapidamente.

Faltando menos de dez metros para o primeiro zumbi acabar a travessia, a corda se rompeu, soltando um ruído alto de uma chicotada.

Centenas de tábuas rangeram ao mesmo tempo quando a ponte inteira entornou, virando para a esquerda e derrubando vários zumbis. Todos que estavam do meio para a frente da ponte mergulharam no abismo e se arrebentaram nas rochas, lavando de sangue as pedras e tingindo de vermelho aquela parte do rio.

Sarah avançou até as outras cordas que sustentavam a passagem e as cortou também. Isso fez com que a estrutura inteira estalasse, finalmente desabando, levando consigo o que sobrara dos mortos-vivos. A ponte balançou como um pêndulo, presa apenas por uma das extremidades, e se chocou contra o paredão de rochas do outro lado.

Na outra extremidade do abismo, mais de cem zumbis se acotovelavam na parte onde a ponte ficou dependurada, frustrados com a visão da sua caça agora tão distante e inacessível. As criaturas empurravam umas às outras, derrubando vários outros que acabaram esmagados contra as pedras.

Sarah se jogou no chão, exaurida. Passava mal de tanto cansaço, não conseguia sequer ficar de pé. Seu peito arfava, subindo e descendo sem parar. Seu corpo se achava completamente encharcado de suor.

Após alguns instantes recuperando o fôlego, ela reuniu forças para conseguir se levantar. Apesar do cansaço extremo, sabia que tinha de se mexer, pois poderia haver outras criaturas circulando por ali. Além do mais, queria identificar o autor dos disparos que a salvaram momentos antes. Apesar de aquela ajuda ter sido providencial, todo o cuidado era pouco — o mundo se transformara num lugar letal para se viver, e o perigo espreitava por toda parte.

Mas não foi necessário procurar. Quando se levantou, Sarah de imediato viu Fernando deixando a mata. O garoto vinha com o fuzil ainda fumegante pendurado no ombro. Seu olhar era frio, o semblante de alguém acostumado a guerra desde a mais tenra idade. Àquela altura da vida, ele já eliminara mais de uma centena de criaturas em várias cidades e estados do Brasil.

O menino se aproximou dela, olhando-a no fundo dos olhos. Sarah, sem medo, rumou até ele, e ambos se encararam. A natureza soava tranquila agora e o vento refrescava o lugar. Seria um cenário perfeito, não fosse por um pequeno detalhe.

—O que você está fazendo aqui, seu imbecil? Quem te mandou vir pra me atrapalhar? — Sarah vociferou, furiosa, diante do garoto, que devolveu o olhar de ódio.

— Eu acabei de salvar sua vida, sua babaca! Um muito obrigado estaria bom... Sua mãe não te deu educação? — Fernando respondeu como que cuspiendo as palavras.

Ironicamente, Sarah e Fernando nutriam um ódio profundo um pelo outro. No entanto, os sábios dizem que ódio é melhor que indiferença...

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM JANEIRO DE 2018